

Sexo e fertilidade: o vinho como alimento e remédio em Hipócrates (séc. V-IV AEC)

Sex and fertility: wine as food and medicine in Hippocrates (5th-4th centuries BCE)

Bárbara Alexandre Aniceto*

Resumo: Este artigo tem o propósito de explorar alguns cuidados com o corpo presentes na *Coleção Hipocrática*, especialmente os relacionados à manutenção da fertilidade entre os casados. Os cuidados corporais englobavam prescrições alimentares distintas, de modo que a alimentação estava inserida em um quadro maior, no qual tanto os procedimentos do corpo quanto a dieta eram considerados como parte do tratamento hipocrático. Dentre as recomendações médicas, uma interessa-nos em particular: os usos internos do vinho como remédio e alimento para os enfermos. A partir do cruzamento dos tratados *Da medicina antiga*, *Afeições*, *Da natureza do homem*, *Esterilidade* e do auxílio da comédia aristofânica, procedemos à análise do conceito dietético para compreender a conexão entre o vinho, o sexo e a fertilidade na medicina e sociedade gregas da época clássica.

Abstract: This article explores bodily care in the Hippocratic Collection, especially the ones related to maintaining fertility among married people. Bodily care encompassed different dietary prescriptions so that food was part of a larger framework, in which both body procedures and diet were considered part of the Hippocratic treatment. Among the medical recommendations, one interests us particularly: wine's internal uses as a remedy and food for the sick. From the intersection of the treatises *On ancient medicine*, *Affections*, *Nature of man*, and *Sterility* alongside Aristophanes' testimony, I analyze the Hippocratic dietary concept to grasp the connection between wine, sex, and fertility in the Greek medicine of the classical period.

Palavras-chave:

História da Medicina.
Gênero.
Hipócrates.
Alimentação.
Sexualidade.

Keywords:

History of Medicine.
Gender.
Hippocrates.
Food
Sexuality.

Recebido em: 01/04/2024
Aprovado em: 11/06/2024

* Doutora em História pela Unesp. É membro dos seguintes grupos de pesquisa: Grupo de Estudos sobre o Império Romano da Unesp/Franca (G.Leir), Laboratório de Arqueologia da Unesp/Franca (Arque), Núcleo de Estudos Antigos e Medievais da Unesp/Franca e Assis (Neam) e Messalinas – Grupo de Estudos sobre Gênero e Antiguidade da USP.

A medicina hipocrática no período clássico e a *díaita*

A *Coleção Hipocrática* consiste em um conjunto de aproximadamente 60 tratados médicos, compostos ao longo dos séculos V e IV AEC pelos discípulos de Hipócrates, os quais pertenciam às chamadas escolas de Cós e Cnido. Herdeira das reflexões pré-socráticas e pitagóricas que integraram os circuitos filosóficos jônicos do período arcaico, a medicina hipocrática engloba o resultado de constantes aprimoramentos desenvolvidos pelos médicos do século V AEC, aprimoramentos que refletem as atividades mentais em curso na transição do VI para o V século AEC. Aprender as particularidades de tais atitudes nos auxilia a investigarmos não apenas o fortalecimento da medicina, como também a centralidade da alimentação no debate médico. Conforme Regina Andrés Rebollo (2006, p. 45) salienta, não devemos nos esquecer que o *Corpus Hippocraticum* é um empreendimento coletivo,¹ no qual encontramos teorias médicas e orientações plurais, representativas da diversidade mediterrânica. Como tal, é evidente que os autores, partícipes de uma vasta rede de médicos escritores e de filósofos, dialogavam não apenas entre si, como também com doutrinas anteriores ao século V AEC.

De acordo com o especialista hipocrático Mark Schiefsky (2005, p. 6-7), havia um esforço dos tratadistas em validar a sua medicina como uma atividade racional, pautada em uma investigação séria, como também na aplicação da inteligência humana para alcançar o controle das doenças. Em um de seus principais tratados, *Da medicina antiga*, o autor antigo discorre longamente acerca do raciocínio lógico do qual a medicina deveria dispor, como também de sua base essencialmente empírica. O caráter racional compartilhado no período advém da concepção de τέχνη (*téchnē*), pensada como “arte, habilidade, ofício”. Assim, a *téchnē* medicinal clássica, no olhar hipocrático, consistiria em uma série de procedimentos regulados e amparados no conhecimento da φύσις (*phýsis*), da natureza do corpo humano. O domínio teórico da *phýsis* humana era fundamental para se evitar erros médicos e determinar com precisão (ἀκρίβεια, *akríbeia*) as causas das enfermidades tratadas. Dessa forma, a medicina de Hipócrates pode ser definida como o esforço conjugado de muitos autores, os quais se dedicaram a registrar e propagar seus estudos metodológicos, nosológicos e receituários nas *poleis* e colônias gregas na época

¹ Da totalidade dos tratados que compõem o *Corpus Hippocraticum*, dez pertencem ao rol da ginecologia. Dentre os dez, quatro compreendem o estudo da natureza da mulher e suas compleições, enquanto os seis restantes buscam analisar a fecundação, gestação, formação do embrião, as condições específicas do parto, os procedimentos de retirada do feto decorrentes de complicações do parto e as causas da infertilidade. São eles, respectivamente: *Da natureza da mulher*, *Das doenças das mulheres I-II*, *Das doenças das virgens*, *Da geração*, *Da natureza da criança*, *Do parto de oito e sete meses*, *Da superfecundação* e *Da excisão do feto*, *Esterilidade*. Os tratados femininos estão temporalmente localizados entre 430 AEC a meados do século IV AEC. Para uma investigação pormenorizada da datação hipocrática, consultar: Lonie (1981); García Gual (1998); Craik (2015, 2018).

clássica, como também a elaborar e estabelecer o que a medicina era, principalmente do ponto de vista de uma comunidade médica em expansão (Rebollo, 2003; Cairus; Ribeiro, 2005).

Nesse rico emaranhado conceitual ordenador do ofício médico, a dieta emerge como mais uma prática legítima de intervenção no corpo. Ela operava dentro do escopo maior da *téchnē* e era parte indispensável do tratamento proposto. Como Julieta Alsina e Henrique Cairus (2007, p. 212-214) pontuam, o testemunho mais antigo da palavra *δίαιτα* (*díaita*) conectada à alimentação é identificada justamente no tratado *Da medicina antiga* (7). A ligação entre dieta e alimentação nesse momento é intrigante, pois pela primeira vez é também sugerida, no texto antigo, uma visão de dieta vinculada à manutenção da saúde e à concepção da vida humana. Para os hipocráticos, o ser humano se diferenciava dos animais pela alimentação. Enquanto a deste é crua, fria e bruta, a dos seres humanos é cozida, pensada e calculada para fins nutritivos e sanadores. Essa capacidade de gerenciar o alimento habilitaria os pacientes a utilizarem-no de forma direcionada e consciente (com a ajuda médica, decerto), como no caso do vinho, o qual exploraremos adiante.

Concordamos com a posição de Jacques Jouanna (1999, p. 344) quando afirma que *Da medicina antiga* é um dos testemunhos mais profícuos do século V AEC, em termos das artes antigas, visto que nos apresenta uma intensa sistematização e reflexão das regras definidoras da medicina. Somada a seu caráter fundante, encontramos, no próprio texto, a preservação de um estilo de escrita muito peculiar na Antiguidade Clássica, o dos tratados denominados de *téchnāi*, obras dedicadas a determinar os métodos e as bases epistemológicas de uma técnica, *téchnē* ou arte (Rebollo, 2003, p. 275). De acordo com o historiador Ralph Rosen (2016), o fato de *Da medicina antiga* constituir um dos tratados mais antigos da coleção hipocrática nos mostra, por um lado, que o texto se relaciona diretamente aos debates filosóficos do período clássico e, por outro, nos fornece elementos muito específicos do campo médico em ascensão no século V AEC. Ao investigar esse tratado mais profundamente, Rosen objetiva examinar tais elementos, sobretudo no que eles possuem de particularmente hipocráticos.

A ideia sustentada pelo autor (Rosen, 2016, p. 243), à qual nos alinhamos, advoga que é possível identificar uma visão antropológica em *Da medicina antiga*, visão essa que ampara tanto o raciocínio analógico e o método empírico da arte médica quanto o foco do autor antigo na condição dos seres humanos em um mundo primitivo e feroz por ele imaginado. Na edificação do discurso médico que perpassa todo o tratado, notamos a constante defesa de que a medicina como *téchnē* é tão antiga quanto a própria espécie

humana, que se encontrava em um estado de vida selvagem e bestial.² Esse estado foi ultrapassado pelo domínio técnico do apresto alimentar, responsável por originar, em longo prazo, o nascimento da medicina. Em sua narrativa da origem humana, atrelada à medicinal, o autor faz uma comparação (Hippoc., *VM.*, 3, 37-51) com seu modo de vida atual e o modo antigo, tendo como ponto de partida a alimentação e a interação com a natureza. Para ele, a medicina foi descoberta conforme os seres humanos aprendiam a lidar com os recursos naturais, como o trigo e a cevada. Dessas interações empíricas, o ser humano inventou os alimentos assados, fervidos ou cozidos, os quais conseguem prover uma nutrição adequada à composição fisiológica do homem. As experimentações também possibilitaram combinações alimentares mais fortes ou mais fracas, adaptadas à constituição do corpo humano como um todo, e, ainda, de cada corpo em particular. Assim, a fim de diferenciar o trabalho especializado dos médicos da descoberta alimentar realizada por outras pessoas, o autor remonta ao que ele considera ser um dos berços da medicina, a saber, o domínio de refeições equilibradas e nutritivas ao corpo. Na seção sete, ele lança uma pergunta ao seu público:

Que diferença, então, pode ser percebida entre o propósito daquele que chamamos de médico, o qual é um reconhecido artesão, o descobridor da dieta e da nutrição apropriadas aos doentes, e aquele que descobriu e preparou, originalmente, alimento para todos os homens, o qual nós agora usamos, ao invés do velho modo de vida selvagem e brutal? Minha própria visão é a de que as suas razões eram idênticas e a descoberta, a mesma. Um procurava eliminar todos aqueles alimentos que, quando ingeridos, a constituição humana saudável não conseguia superar devido ao seu carácter bruto e puro, enquanto o outro procurava eliminar aqueles alimentos que cada doente, em qualquer condição em que estivesse, não conseguisse superar (Hippoc., *VM.*, 7, 1-7).

Se os motivos do médico, "artesão reconhecido", e daquele que descobriu o alimento para todos os homens são os mesmos, qual seria a distinção entre eles? A diferença reside precisamente no elo entre a medicina e a alimentação como via de cura ao paciente. O viés antropológico defendido por Rosen diz respeito à fundação daquilo que é propriamente humano, o domínio alimentar, como também do que é próprio à medicina: o manejo correto e tecnicamente orientado do alimento como medicamento. Na visão hipocrática, a explicação da sobrevivência humana está ancorada não apenas no êxito do domínio alimentício, mas, principalmente, na noção de que o estado natural do ser humano é fisiologicamente falho e fraco (Rosen, 2016, p. 252). Uma vez que o corpo humano é naturalmente imperfeito, ele necessita ser cuidado pela medicina. Embora os

² "[...] Do modo de vida selvagem e brutal" ἔξ ἐκείνης τῆς ἀγρίας τε καὶ θηριώδους. (Hipócrates, *De vetere medicina*, 7, 5). Para a presente análise de *Da medicina antiga*, empregamos a tradução bilíngue grego-inglês de Mark Schiefsky (2005).

médicos assumam o papel da eventualidade (*tyché*) na composição da *phýsis* humana e na cura das enfermidades, esta não se daria, pelo menos não a princípio, através do autorrestabelecimento da *phýsis*, pois a natureza, sozinha, não é capaz de tomar conta do homem. Em sua incompletude, o indivíduo precisa da mediação médica, pois ela consegue prover um regime dietético compatível às necessidades de cada paciente.

No conjunto das produções filosóficas que pululavam entre os gregos do século V AEC, o grande diferencial da medicina estaria em sua capacidade de interferir no corpo humano, ou seja, de gerar algum tipo de impacto no próprio funcionamento da natureza. De observador do cosmos e da Terra, o ser humano passa a ser, também, um interventor. Como pontuamos anteriormente, a precisão, ἀκρίβεια (*akríbeia*), configurava uma das principais qualidades do conhecimento médico; ela não apenas possibilitava a mediação terapêutica no corpo do/a paciente, como a legitimava. A medicina era entendida como uma *téchnē* porque tanto a sua prática quanto o seu arcabouço teórico dependiam umbilicalmente da *akríbeia* e era esse aspecto que a distanciava de um preparo trivial dos alimentos. Além disso, de acordo com a narrativa deste autor antigo, os médicos foram os primeiros a elevar a dieta ao patamar terapêutico quando a associaram ao estado de saúde dos indivíduos.

Sendo assim, enquanto um homem educado na arte médica (Hipócr., *De articulis*, 9), o *iatrós* estava preparado para avaliar as condições de seu/sua paciente e lhes prescrever a dieta mais adequada possível de acordo com o diagnóstico efetuado e suas compleições físicas. Como Julieta Alsina e Cairus (2007, p. 212-213) ressaltam, na época clássica grega, o conceito de dieta transcendia a alimentação e caracterizava-se por uma compreensão comportamental mais ampla. A palavra δίαίτα (*díaita*), designativa de “modo de vida”, abarcava o *nómos* de cada povo, os exercícios físicos, o trabalho, a região geográfica, a idade, o gênero, a compleição corporal de cada enfermo e as atividades políticas nas quais o indivíduo se envolvia (Alsina; Cairus, 2007, p. 215; Jouanna, 2012, p. 138-139). O espaço dedicado às reflexões dietéticas na *Coleção Hipocrática* nos dá conta da relevância desta abordagem para os médicos: o tratado *Da dieta* divide-se em 4 livros e é um dos mais extensos da coleção.

Assim, a dieta tinha como fim a manutenção/restauração da saúde e era considerada, em conjunto com a análise da natureza e a *akríbeia*, uma intercessão integrante da *téchnē iatrikē*. Implicado na recuperação do bem-estar encontrava-se o/a paciente, o qual deveria comprometer-se com seu processo de cura através de um regime particular. Em sua investigação sobre os limites perceptivos entre a comida e o medicamento, a pesquisadora Laurence Totelin (2014, p. 1-4) sugere que a fronteira entre ambos os elementos, compilados na dietética e na farmacologia, era bastante confusa e

não raras vezes se misturavam. Os hipocráticos escreviam em um contexto de crescente profissionalização da medicina, contexto em que a dietética se tornou o ramo de maior prestígio. Não é de se estranhar, portanto, que diversos alimentos e bebidas fossem delineados com base em suas potencialidades curativas.

O problema da fertilidade e a simbologia sexual do vinho

O vinho ocupava um lugar de grande importância no pensamento médico da Grécia antiga. Era considerado um agente terapêutico para a mente e o corpo e foi abundantemente indicado pelos *iatroi*, pelos médicos da comunidade de Hipócrates. Constituía, assim, um objeto recorrente da reflexão hipocrática. Os médicos estavam cientes dos malefícios causados pelo seu uso excessivo; no entanto, creditavam a essa bebida o poder (*dýnamis*) de fortalecer o corpo. Baseados em uma detalhada classificação dos tipos de vinho do período, presente no catálogo de alimentos do tratado *Da dieta*, como também na apreciação das composições corporais de cada indivíduo, avaliavam-no de acordo com sua utilidade ou nocividade à fisiologia humana, categorizando-o conforme a cor (cor de palha, branco, escuro), o paladar e a consistência (delgado, concentrado, leve, macio, suave, aguçado), o aroma (odorífero, cheiro de mel, sem cheiro) e, por último, conforme a idade (novo ou velho).

O objetivo desta catalogação médica consistia não somente em alertar os consumidores sobre os prejuízos do vinho, mas, sobretudo, em enfatizar seu efeito benéfico e seu emprego na dieta de pessoas doentes e saudáveis. O vinho foi inicialmente considerado pelos médicos como um alimento e, por esse motivo, eles conferiam-lhe um caráter nutritivo (Jouanna, 2012, p. 179-180). Esse raciocínio nutricional servirá de base para um aconselhamento masculino/matrimonial que veremos dentro em breve.

Quando o conhecimento médico se tornou enciclopédico, notadamente a partir de Oribásio, o médico do imperador Juliano (século IV EC), os trabalhos de Galeno converteram-se na fonte fundamental de referência ao vinho. Contudo, conforme Jouanna (2012, p. 175) nos explica, uma vez que Galeno considera Hipócrates como sua base teórica, é evidente que a posição hipocrática sobre o vinho continuou a ser essencial na história da medicina grega e pode servir de base para uma discussão sobre o vinho no pensamento médico da Grécia antiga mesmo após o período clássico do qual faz parte. Em seu importante capítulo sobre a presença dessa substância na medicina grega antiga, o historiador francês chama a atenção para a flagrante ausência de estudos devotados a explorar a relação entre o vinho e a saúde no *Corpus Hippocraticum*. Desse modo, sua investigação do papel do vinho na patologia hipocrática volta-se para as diferentes

situações nas quais a bebida é recomendada em paralelo à distinção dos usos internos e externos no corpo.

Como vimos, o conceito antigo de dieta não se restringia aos alimentos consumidos pelo/a paciente, mas correspondia a todo um estilo de vida preconizado pelos médicos, de modo que os catálogos alimentares por eles elaborados levavam em conta as diferentes regiões dos homens e mulheres atendidos e, ainda, as estações do ano. O vinho é examinado juntamente com outros alimentos e bebidas; além disso, possui uma grande vantagem de flexibilidade na aplicação, visto que pode ser empregado puro ou misturado com outros ingredientes que enfraqueçam ou modifiquem seus efeitos. O tratadista de *Afeições* (15-17) afirma que “vinho e mel são maravilhosamente adequados ao homem se, na saúde e na doença, você os administrar adequadamente e de acordo com as constituições individuais”. Curiosamente, essa passagem nos lembra das discussões levantadas pelo médico-redator de *Da medicina antiga*, nas quais a precisão e o cuidado com a composição corporal de cada ser humano foram bastante enfatizados. Assim como neste tratado, em *Afeições*, o médico preocupa-se em ajustar a força dos alimentos mencionados, vinho e mel, à compleição de cada pessoa, demonstrando a inclusão das substâncias na conduta dietética proposta.

No presente artigo, buscamos investigar o emprego do vinho como uma espécie de remédio fortificador da constituição humana e estimulante do desejo sexual entre o casal. Logo, nosso interesse reside no entrelaçamento desta bebida com o sexo e o aperfeiçoamento das trocas eróticas e reprodutivas entre a esposa e o cidadão. O acesso a esse entrelaçamento nos é possível devido ao cotejo com a comédia aristofânica sob a perspectiva de gênero. Vale ressaltar, igualmente, que embora nosso foco compreenda a manutenção da fertilidade tal qual preconizada pelos médicos, nosso ponto de partida consiste na ideia da esterilidade. Isso significa dizer que pensamos a fertilidade a partir de seu contraponto, pois ela nos é assim apresentada pelos médicos, os quais se debruçam ativamente sobre a incapacidade feminina e masculina de gerar filhos.

Conforme David Le Breton (2006, p. 7) nos lembra, os usos físicos do corpo dependem de um conjunto de sistemas simbólicos. A título de exemplo, o ato sexual entre um homem e uma mulher existe por si mesmo, mas os sentidos que lhe são concedidos por determinada sociedade – a partir, como Michel Foucault (2020) sinaliza, do ponto de vista médico, psiquiátrico, estatal e religioso – guiam a forma pela qual os agentes desta mesma sociedade escolhem se relacionar, seja consigo mesmos ou com seus pares. A frequência da relação sexual, sua recomendação ou negação, finalidade e os desejos a ela subjacentes são condicionados e legitimados ou deslegitimados, em maior ou menor medida, pelo modo como o próprio sexo é concebido. Enquanto o elo

que une o ser humano ao mundo e aos outros, o corpo é percebido de diferentes formas a depender do período histórico trabalhado, de modo que as experiências corporais vividas pelas pessoas e pela coletividade na qual se inserem adquirem sentidos bastante particulares. Acreditamos que, nas cidades gregas da época clássica, o sentido dado ao sexo se conectava fortemente à perpetuação comunitária, para além do possível e almejado deleite físico. Por isso mesmo, o corpo/*phýsis* feminino servia aos propósitos da continuidade da comunidade através da maternidade e, de forma similar, o corpo masculino cumpria sua função em manter e proteger o coletivo pelo sacrifício da guerra e da bela morte (Lessa, 2006, p. 85)

Em um artigo publicado em 2011, no qual Lessa (2011, p. 107) analisa a sexualidade feminina junto ao corpo, ele sublinha o caráter social e relacional do ato sexual. O sexo é a única atividade humana ligada à sobrevivência cuja aplicabilidade depende de outrem. A alimentação e a caça, por exemplo, podem ser realizadas isoladamente, mas o sexo implica na participação de pelo menos um segundo sujeito, disposto a interagir com base em estímulos físicos, afetivos ou ambos. Essa característica inerente ao coito o aproxima do gênero como categoria de análise histórica, afinal, este é concebido sob o paradigma da relação entre o feminino e o masculino. Quando refletimos sobre o sexo a partir da documentação hipocrática, devemos considerar o papel de ambos os gêneros no processo gerador.

No início dos anos 2000, Jean-Baptiste Bonnard (2004, p. 147) trouxe à tona o inegável contributo feminino para a geração, denominado por ele como “a surpreendente paridade das sementes paterna e materna”. Em seu exame sobre os discursos mítico e biológico relativos à descendência humana, o historiador francês examina as representações gregas da paternidade. Sua análise perpassa um amplo leque documental, que transita entre os testemunhos hesiódicos e trágicos a hipocráticos e aristotélicos. A tese do autor, da qual nos afastamos, advoga a construção depreciativa da maternidade, que seria reforçada por Hipócrates e seus discípulos. Em um primeiro momento, somos levados a crer que Bonnard (2004, p. 148) atesta a participação congênere do homem e da mulher na fecundação, pois ele afirma que a visão hipocrática era contrária ao pensamento partilhado pela maioria dos autores gregos até então (século V AEC), ao menos se julgarmos pelas fontes escritas que nos chegaram.

Após discorrer sobre a embriologia hipocrática presente nos tratados *Da geração*, *Doenças IV*, *Da natureza do homem* e *Da dieta*, o autor conclui que, dada a ampla atribuição de doenças femininas ao útero, os *iatroi* o viam como o maior órgão responsável pelas enfermidades das mulheres, levando-os a negar a paridade dos papéis paterno e materno na concepção. Para Bonnard, os médicos enxergavam, no útero, um potencial nocivo,

pois ele estaria ligado, também, à maior incidência da esterilidade nas mulheres e tais fatores minimizariam o contingente feminino na fecundação. Em que pese a contribuição do autor contemporâneo em enfatizar a existência da semente feminina na *Coleção Hipocrática*, nos parece que há uma conclusão assaz repentina sobre a desvantagem das mulheres na concepção, conclusão essa baseada na vertente historiográfica que corrobora o presumido aspecto selvagem e temerário do útero, como também a exclusividade da esterilidade ao corpo feminino. A principal argumentação de Bonnard (2004, p. 160) situa-se na infertilidade da mulher e nas prováveis ameaças do útero à reprodução que destituiriam a equivalência seminal feminina.

Ao examinarem o problema da infecundidade em detalhes, Rebecca Flemming (2013, p. 565) e Michaela Senkova (2015, p. 121) nos mostram a considerável atenção concedida pelos antigos às adversidades reprodutivas masculinas. Ambas as autoras se debruçam sobre vestígios textuais e materiais que atestam a apreensão dos homens com suas capacidades gerativas. Do *Corpus Hippocraticum* à biologia aristotélica, das tragédias de Eurípidés às consultas ao oráculo de Zeus Dodonaios,³ localizado na antiga *pólis* de Dodona, Flemming (2013, p. 575) e Senkova (2015, p. 124) descortinam a compreensão da infertilidade no mundo grego clássico. Elas constatarem que esse contratempo era relacional, em oposição a uma responsabilidade unicamente feminina. Os médicos, filósofos e poetas consideravam a esterilidade como uma questão pertencente ao casal e não apenas à paciente hipocrática. Os inquiridos a divindades antigas,⁴ em Dodona, bem como as representações trágicas de esposas lamurias acompanhadas de seus maridos oferecem algumas pistas sobre os impactos da infertilidade na vida dos gregos. Estes testemunhos, combinados com observações sistematizadas fornecidas por tratados médicos e filosóficos, revelam que eles compreendiam a incapacidade de alguns homens em contribuir para a reprodução. Além disso, ambas as autoras identificam 5 momentos distintos nos quais os hipocráticos reconhecem a inabilidade masculina em conceber:

³ Flemming (2013) trabalha com dados do inventário a Ártemis, referentes às oferendas a Ártemis Braurônia, em Atenas, com inscrições de cura em estelas, associadas ao santuário de Asclépio em Epidauro e com a *Coleção Hipocrática*. Senkova (2015), por sua vez, se dedica às obras *Geração dos Animais* (746b 15) e *História dos Animais* (10.1), de Aristóteles e a duas tragédias eurípidianas, a saber, *Íon* (v. 299-305) e *Fenícias* (v. 12-18).

⁴ O santuário de Dodona conta com um grande número de placas de chumbo, que contêm várias perguntas a Zeus Dodonaios, gravadas entre os séculos VI e o II AEC. Um inventário desse testemunho foi publicado recentemente por Esther Eidinow (2013 *apud* Senkova). Nele, são frequentes as consultas feitas pelos suplicantes homens acerca de sua progeneritura. De acordo com Senkova (2015, p. 126), havia uma fórmula padronizada através da qual eles rogavam a uma mulher específica, geralmente suas esposas, que lhe dessem um filho: “[nome do homem] pergunta ao deus se haverá crianças para ele dá [nome da esposa], a esposa que ele tem agora?” (Eidinow, 2013 *apud* Senkova, 2015, p. 126). Ainda que a esterilidade não seja explicitamente mencionada, a preocupação masculina com a garantia de sua descendência é significativa e nos leva a crer que a não-procriação constituía um desassossego a ambos os gêneros. Flemming (2013, p. 589) pontua que Aristóteles sugere até mesmo a troca de parceiros, caso um deles não se mostre bem-sucedido na geração de filhos.

em *Ares, Águas e Lugares* (20-21), *Lugares no homem* (3-5), *Da geração* (2), *Da dieta* (4) e *Aforismos* (5).

Assim, compreendemos que a esterilidade não era apanágio do feminino, e sua atribuição às mulheres não invalidava a capacidade geracional de suas sementes. Se assim o fosse, é muito provável que os tratadistas escolhessem dar ênfase a essa ressalva reprodutiva, da mesma maneira que o fazem em relação à maior força física do homem. Devemos nos lembrar que a fecundação só pode ocorrer caso haja a mistura de ambas as sementes, como explica o redator de *Da geração*: “e então o que veio do homem e o que veio da mulher são misturados” (Hippoc., *Genit.*, 5). De forma similar, o autor de *Da natureza do homem* afirma ser impossível alcançar a concepção sem o envolvimento de duas pessoas “da mesma raça”, ὁμόφυλα (*homóphyla*):

Primeiramente, é necessário que a gênese não se dê a partir de um só indivíduo. Como, de fato, um ser único geraria, se não se unisse a outro? Afinal, se não se mesclar em seres que sejam da mesma raça e tenham as mesmas propriedades, não haveria gênese, nem isto poderia acontecer (Hippoc. *Nat. Hom.*, 3, 1-3).

Nesse capítulo do tratado mencionado, notamos como a colaboração e união de ambos os gêneros eram consideradas essenciais para o sucesso da reprodução. Veremos que o mesmo sucede à exigência de uma postura colaborativa por parte do homem quando da relação sexual com sua esposa. Conforme Flemming (2013, p. 577) explicita, as causas das falhas generativas em homens e mulheres se encaixam nos padrões etiológicos gerais do *Corpus*. Apesar de haver um foco maior no feminino, a historiadora pontua que as razões levantadas pelos hipocráticos se subsumem a variações no equilíbrio entre os elementos corporais, os quais fundamentam a *téchnē iatrikē* por nós explorada. Seguindo a linha da autora, acreditamos que, assim como em outras patologias femininas descritas pelos médicos, a esterilidade inscreve-se no quadro maior da arte médica ensinada e propagada por Hipócrates e seus discípulos. Esse pertencimento lhes possibilitava enxergar a infertilidade, também, como um problema masculino. É o que nos mostra a sexta passagem do tratado *Esterilidade* (6, 218L):

A primavera é a melhor época para engravidar. Deixe que o homem fique sóbrio e evite vinho branco, mas beba apenas muito vinho potente não misturado com água; ele também deve comer os alimentos mais potentes, evitar o banho quente e tornar-se forte e saudável, e afastar-se de alimentos que não contribuam para o assunto.

Após iniciar seu texto com considerações acerca das causas da infertilidade na mulher, o tratadista se volta às atribuições do homem. Em um tratado pertencente ao

campo da ginecologia hipocrática, a menção ao masculino nos causa, à primeira vista, surpresa. Porém, nossa visão é compatível, uma vez mais, à de Flemming (2013, p. 589) quando advoga que a reprodução era percebida como decorrente de um esforço mútuo, e que as questões generativas competiam aos maridos tanto quanto às suas esposas. A infecundidade era compartilhada e certamente mobilizava ambos os parceiros. Vemos como, apenas algumas linhas depois de dissertar sobre a atuação esperada do homem, o médico-redator insiste na importância da preparação masculina para o ato sexual:

Quando você sabe que uma mulher está em condições de aproximar-se de seu marido, deixe-a em jejum e deixe-o estar sóbrio, banhado em água fria e bem nutrido com uma pequena quantidade de alimentos apropriados. Se a mulher sabe que ela reteve a semente, não deixe que ela aborde o marido novamente, mas antes que se mantenha quieta; ela saberá disso se o marido disser que ejaculou, mas ela mesma estiver seca. Se o útero dela devolver a semente no mesmo dia, ela ficará molhada, e se ela ficar molhada, deixe-a ter relações sexuais novamente até que ela retenha a semente (Hippoc., *Steril.*, 8, 220 L).

Ao contrário do que poderíamos supor, notamos que a obra possui capítulos dedicados ao comportamento do homem e não apenas ao da mulher. A fertilidade seguramente não constituía um problema masculino na mesma intensidade em que o era para as mulheres casadas. No entanto, ambas as passagens abrem caminho para ponderarmos acerca do papel masculino na manutenção da relação matrimonial, visto que o casamento e a gestação estavam intimamente conectados. É salutar destacar que, em um texto centrado na identificação e tratamento da não-procriação, o autor antigo busca dar alento, também, à fertilidade, incentivando condutas as quais julga promissoras para o alcance da gravidez. Conquanto nenhuma das seções mencione a esterilidade masculina, há um senso de dever partilhado pelo homem, a quem eram incumbidas práticas supostamente favoráveis à geração.

Desse modo, ele deveria (1) manter-se sóbrio, (2) dar preferência a banhos frios, (3) estar bem nutrido, forte e saudável. Tais são os pontos em comum entre os trechos 6 e 8. O *iatrós* insiste na condição sóbria do consorte masculino, mas faz uma concessão ao consumo de um vinho não branco, potente e puro. Por ser concebido enquanto um mantimento, Jouanna (2012, p. 184) vê na passagem 6 supracitada a orientação para que o futuro pai garanta a força e a saúde do bebê vindouro. O historiador francês nos explica que os hipocráticos associavam o vinho, especialmente os escuros e puros, ao sangue, como se a bebida fosse capaz de incitar a produção deste no corpo. Dessa forma, a ingestão deste vinho potente asseguraria o fortalecimento do feto. Nos tratados *Da natureza da mulher* (59) e *Doenças das mulheres* (2, 110L), os autores aconselham a ingestão de vinho para, respectivamente, estimular a menstruação e auxiliar na perda

de sangue por parte da mulher, oriunda de um “fluxo vermelho” exacerbado, em uma vinculação do líquido alcóolico à restituição ou estímulo hemático no corpo. Em *Doenças das mulheres*, vemos as mesmas admoestações feitas ao homem na sexta passagem de *Esterilidade*, pois o médico afirma que “é benéfico para uma mulher beber um pouco de vinho escuro, apenas um pouco diluído e evitar o banho, exceto para uma lavagem fria” (Hippoc., *Nat. mul.*, II, 1, 110 L). O vinho escuro e não diluído é receitado juntamente ao banho frio, assim como no caso masculino, ainda que as situações médicas sejam distintas. Estamos de acordo com a hipótese levantada por Jouanna (2012, p. 185) acerca da utilidade dietética da bebida em questão.

Ao nos voltarmos para as seções 6 e 8 sob a ótica de gênero, notamos implicações sexuais ligadas à prescrição médica. Da mitologia antiga à comédia aristofânica, sabemos que o vinho foi associado, pelos gregos, à desinibição sexual. A figuração ambígua do deus Dionísio – que transita entre representações masculinizadas e efeminadas – implicitamente simboliza as transgressões proporcionadas pelo vinho e as potenciais licenciosidades praticadas por homens e mulheres (Almila; Inglis, 2022, p. 312). Assim, os médicos possivelmente acreditavam que esse tipo específico de vinho – não diluído e escuro – não causaria uma embriaguez incapacitante ao marido, e que poderia, inclusive, contribuir para um estado de excitação ideal e necessário ao coito.

No que concerne o uso privado e erótico-afetivo do vinho, Aristófanes nos legou uma cena notável, proveniente de *Acarnenses* (425), cujo enredo preconiza o fim da Guerra do Peloponeso, a qual durava 6 longos anos. O comediógrafo elege os carvoeiros de Acarnas, maior *demos* da Ática, como membros do coro e Diceópolis, o “cidadão justo”, como o homem responsável por levar a palavra da paz aos seus concidadãos. A estória tem início na *Pnix*, onde Diceópolis aguarda ansiosamente pela assembleia e pela oportunidade de advogar em favor da trégua helênica. Silenciado neste espaço político por defensores da guerra e desiludido, o protagonista refugia-se em um mundo idílico, preenchido pela comemoração às Dionísias Rurais, com o cortejo falofórico, e pela abundância dos alimentos, a qual contrasta com a escassez e dureza do embate bélico. Após celebrar o primeiro festival dionisiaco, Diceópolis, sua família e convidados procedem à comemoração da festa dos Cângios, realizada durante as Antestérias, que marcava o fim do inverno e a entrada da primavera. Nesse momento, o protagonista recebe um pedido de paz de uma noiva que sofre pela partida de seu marido à guerra. Munido das libações ritualísticas, Diceópolis concede o acordo de paz à recém-casada, simbolizado no frasco de vinho:

Padrinho – É a casamenteira. Vem da parte da noiva para te dizer qualquer coisa em particular.

Diceópolis - Bem, o que tens para me dizer? (*A casamenteira fala ao ouvido de Diceópolis*). É de rir – coa breca! – o pedido da noiva. Pede-me ela – e com que insistência – que arranje a que ela conserve em casa... a pilinha do noivo. (*A um escravo*). Traz-me cá as tréguas. Vou-lhas dar, mas só a ela, porque é mulher e não tem culpa da guerra. Chega cá o frasco, mulher. Sabes o modo de usar? Diz lá à noiva o seguinte: na ocasião da recruta dos soldados, ela que esfregue, durante a noite, a pilinha do noivo com isto. Torna a levar as tréguas lá para dentro. Traz-me uma infusa para eu deitar o vinho para a festa dos Côngios (*Aristophanes. Acharnenses. v. 1055-1068*).⁵

Diceópolis se mostra receptivo à noiva e se compadece de sua situação, pois “é mulher e não tem culpa da guerra” (v. 1060). Ao derramar o vinho no frasco, ele indiretamente instrui a esposa a esfregá-lo, “ἀλειφέτω” (*aleiphétō*, v. 1065), presente imperativo de “ἀλείφω” (*aleíphō*), na “pilha”, “τὸ πέος” (*tò péos*, v. 1065) do marido. Dentre os significados de *aleíphō*, temos a ideia não apenas de esfregar ou “aplicar como um unguento”, como também de “friccionar” (Malhadas; Dezotti; Neves, 2006, p. 35).

Notamos que os conceitos de paz, sexo e casamento se entrelaçam nessa peça, assim como em *Lisístrata*. Neste episódio cênico, o vinho representa a conciliação almejada, traduzida no apelo da noiva em manter seu marido em casa. Malogradas as tentativas de findar a guerra, a solução encontrada pelo protagonista reside em ensinar a noiva a incitar o desejo sexual no homem a tal ponto que ele não consiga comparecer ao recrutamento dos soldados, mas compareça ao leito de sua esposa. Ao fazê-lo, ele evitaria a morte e celebraria a fertilidade da vida ao lado daquela que era responsável por mantê-la, tanto no seio familiar/privado quanto no comunitário/público.

Lembre-mos de que a esposa do cidadão ateniense era um elo essencial das engrenagens cidadinas, tanto pela sua participação ativa nos festivais quanto porque a ela cabia o provimento de filhos legítimos para a *pólis*, como Aristófanes nos atesta em *Tesmoforiantes*: “se uma de nós desse à luz para a cidade” (*Ar., Th., v. 832*).⁶ Supondo que a junção hipocrática do vinho e do sangue fosse conhecida pelos/as pacientes, nada os impediria de desfrutarem desta bebida, potencializando os efeitos da relação. A um só tempo, o vinho derramado no frasco resultaria na paz do casal e em sua união, como se a fecundidade espelhada pelo ato sexual garantisse a permanência do marido em seu *oîkos*. Similarmente, as dietas hipocráticas contribuiriam para a manutenção da fertilidade do

⁵ Empregamos a tradução em português de Maria de Fátima Sousa e Silva.

⁶ “ἡμῶν εἰ τέκοι τις ἄνδρα χρηστὸν τῇ πόλει”. Desse verso, destacamos o substantivo *pólis* no dativo τῇ πόλει (*têi pólei*). O dativo compõe um dos cinco casos gramaticais da língua grega clássica e, dentro de suas possibilidades lexicais, contém a ideia de “direcionar algo a alguém”; por esse motivo, nosso poeta opta por empregá-lo na oração acima (Ragon, 2012, p.185-187). Nessa passagem, o Coro de Mulheres destaca suas responsabilidades cívicas e as esposas escolhem ressaltar que a reprodução de filhos carrega um caráter comunitário significativo, pois estava direcionada à cidade e não apenas a elas enquanto mães.

casal e, potencialmente, para a paz e perpetuação da cidade pelo provimento de filhos oriundos do sucesso gestacional.

Considerações finais

Ambientado no *Tesmofóron*, templo dedicado a Perséfone e Deméter e localizado na *Pnyx* (a oeste da Acrópole), onde ocorriam as assembleias, o ritual das Tesmofórias representa a ocupação simbólica das mulheres no centro político de Atenas, transferindo-lhe uma conotação mítica e feminina coadunada à democrática e masculina, conotação essa que é também cívica, porque a celebração pública às duas deusas tinha como ponto principal o farto crescimento das plantações. Nessa equação, envolvendo o aumento do plantio e a autoridade política da cidade, temos a esposa do cidadão ateniense, responsável tanto pela realização do ritual quanto pela gestação de futuros cidadãos, soldados e políticos à cidade. À luz da referência ao ritual das Tesmofórias, conjugado à representação do vinho e da mulher como mantenedores da paz, da fertilidade e do elã em *Acarnenses*, entendemos que a sexualidade é um tema recorrente da comédia antiga, que evocava, a um só tempo, a fertilidade das mulheres e da terra pela execução do ritual religioso das Grandes Dionísias e pela ocupação do terreno sagrado do teatro de Dioniso. As metáforas sexuais não são mero aparato da comicidade aristofânica, mas respondem a uma simbologia profunda partilhada pelos gregos, que envolvia a fecundidade agrícola, a abundância proporcionada pela paz, a função das esposas na manutenção da comunidade, o papel do poeta como porta voz de sua época histórica e do médico como interventor legítimo da natureza. Ao fim e ao cabo, o enquadramento do vinho como recomendação terapêutica para o coito, como também para disfunções femininas e masculinas, respondia tanto à pretensa tecnicidade da medicina quanto às simbologias seculares em torno desta bebida.

Referências

Documentação textual

ARISTÓFANES. *Duas Comédias: Lísistrata e As Tesmoforiantes*. Tradução de Adriane da Silva Duarte. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ARISTÓFANES. *Os Acarnenses*. Tradução de Maria de Fátima Sousa e Silva. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1988.

- HIPÓCRATES. *Tratados Hipocráticos*. Traducción y notas por Carlos García Gual. Madrid: Gredos, 1998. v. IV.
- HIPPOCRATES. *Affections. Diseases 1-2*. Translated by Paul Potter. Cambridge: Harvard University Press, 1988.
- HIPPOCRATES. *Generation. nature of the Child. Diseases IV. Nature of Women. Barrenness*. Translated by Paul Potter. Cambridge: Harvard University Press, 2012.
- HIPPOCRATES. *Hippocrates on Ancient Medicine*. Translated by M. Schiefsky. Boston: Brill, 2005.
- HIPPOCRATES. *The Hippocratic Treatises On Generation, On the Nature of the Child, Diseases IV: a commentary*. Translated by Ian Malcom Lonie. Berlin: De Gruyter, 1981.

Obras de apoio

- ALMILA, A.; INGLIS, D. Wine and gendered social order. In: CHARTERS, S. et al. (ed.). *The Routledge Handbook of Wine and Culture*. London: Routledge, 2022, p. 311-319.
- BONNARD, J. B. *Le complexe de Zeus: représentations de la paternité em Grèce ancienne*. Paris: Éditions de la Sorbonne, 2004.
- CAIRUS, H.; RIBEIRO, W. *Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005.
- CAIRUS, H.; ALSINA, J. A alimentação na dieta hipocrática. *Classica (Brasil)*, v. 20.2, p. 212-238, 2007.
- CRAIK, E. M. *The 'Hippocratic' Corpus: content and context*. London: Routledge, 2015.
- CRAIK, E. M. The 'Hippocratic Question' and the nature of the Hippocratic Corpus. In: PORMANN, P. E. (ed.). *The Cambridge Companion to Hippocrates*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018, p. 25-37.
- FLEMMING, R. The invention of infertility in the Classical Greek World: medicine, divinity, and gender. *Bulletin of the History of Medicine*, v. 87, n. 4, p. 565-590, 2013.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.
- JOUANNA, J. *Hippocrates*. London: The Johns Hopkins University Press, 1999.
- JOUANNA, J. Dietetics in Hippocratic medicine: definition, main problems, discussion. In: JOUANNA, J. *Greek medicine from Hippocrates to Galen: selected papers*. Boston: Brill, 2012, p. 137-155.
- JOUANNA, J. Wine and medicine in ancient Greece. In: *Greek medicine from Hippocrates to Galen: selected papers*. Boston: Brill, 2012, p. 173-193.
- LE BRETON, D. *A Sociologia do Corpo*. Petrópolis: Vozes, 2006.

- LESSA, F. S. Maternidade e morte na Atenas Clássica. *Politeia: História e Sociedade*, v. 6, n. 1, p. 85-97, 2006.
- LESSA, F. S. Corpo e sexualidade feminina na Atenas Clássica. In: GRILLO, J. G. C.; GARRAFONI, R. S.; FUNARI, P. P. A. (org.). *Sexo e violência: realidades antigas e questões contemporâneas*. São Paulo: Annablume, 2011.
- REBOLLO, R. A. Considerações sobre o estabelecimento da medicina no tratado hipocrático *Sobre a arte médica*. *Scientle Studia*, v. 1, n. 3, p. 275-297, 2003.
- REBOLLO, R. A. O legado hipocrático e sua fortuna no período greco-romano: de Cós a Galeno. *Scientiae Studia*, v. 4, n. 1, p. 45-82, 2006.
- ROSEN, R. M. Towards a Hippocratic Anthropology? On Ancient Medicine and the Origins of Humans. In: DEAN-JONES, L.; ROSEN, R. (ed.). *Ancient concepts of the Hippocratic*. Austin: Studies in Ancient Medicine, 2016, p. 242-257.
- TOTELIN, L. When foods become remedies in ancient Greece: the curious case of garlic and other substances. *Journal of Ethnopharmacology*, v. 167, n. 9, p. 1-8, 2014.